

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

SUPER-HERÓIS NEGROS E NEGRAS: REFERÊNCIAS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

Fernanda Pereira da Silva

Professora de Artes Visuais da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET), Rio de Janeiro, Brasil.

A presente pesquisa parte do entendimento de que a discussão sobre a representação da identidade da população negra, por meio das variadas produções midiáticas, torna-se um assunto fundamental para o reconhecimento da historicidade negada ou distorcida da população negra. O sistema narrativo existente nas histórias em quadrinhos adapta-se à necessidade da sua narrativa, possibilitando ajustes que atendam a uma demanda social, política, cultural, publicitária entre outras. Logo, esta pesquisa reconhece nas histórias em quadrinhos um meio que contribui para percebermos a história da sociedade, e como seus elementos visuais conversam conosco e influenciam nossas percepções sobre as coisas e sobre as pessoas. No decorrer desta pesquisa, nos deparamos com o desafio de desconstruir imagens para reconhecer discursos nessas produções que ainda preservam o racismo, mesmo que de forma subjetiva, mas ainda assim, presente. O desconstruir envolve diálogos sobre como o racismo tornou-se uma ideologia e também sobre como percebemos o outro, e como foram criadas nossas concepções críticas para enxergar ou não o racismo. Podemos reconhecer que antes do personagem Pantera Negra, houve outras tentativas de emplacar heróis negros, mas estes tiveram uma curta duração e ficaram como histórias esquecidas. Quando o assunto são as mulheres negras nos quadrinhos, podemos reconhecer um destaque limitado para estas personagens, como a guerreira Núbia, que teve suas histórias suspensas para que apenas Diana, a eterna Mulher-Maravilha, ficasse como destaque nas páginas da empresa DC Comics. Por fim, concluímos que mesmo diante de tantas produções visuais que surgem inserindo pessoas negras em sua composição visual, precisamos nos manter atentos. Afinal, estar presente não significa estar inserido no contexto histórico e social. Pode ser mais uma representação vazia e sem sentido ou pode ser mais uma forma de dizermos que estamos resistindo e reconstruindo histórias que foram distorcidas e aniquiladas por séculos.

Palavras Chave: Relações étnico-raciais.; Cultura visual.; História em quadrinhos.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

MALE AND FEMALE BLACK SUPERHEROES: REFERENCES FOR THE EDUCATION OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS AND TEACHING OF AFRO- BRAZILIAN AND AFRICAN HISTORY AND CULTURE

Fernanda Pereira da Silva

Teacher of Visual Arts at the Rio de Janeiro State Department of Education and Master in Ethnic-Racial Relations at the Celso Suckow da Fonseca Federal Center for Technological Education (CEFET), Rio de Janeiro, Brazil.

The present research starts from the understanding that the discussion about the identity representation of the black population, through the varied media productions, becomes a fundamental subject for the recognition of the denied or distorted historicity of the black people. The narrative system existing in comics adapts to the need of its narrative, allowing adjustments that meet a social, political, cultural, advertising demand, among others. Soon, this research acknowledges the comic books a medium that contributes to understanding the history of society, and how its visual elements talk to us and influence our perceptions about things and people. In the course of this research, I came across the challenge of deconstructing images to recognize discourses in these productions that still preserve racism, even though subjectively, but still present. Deconstructing involves dialogues about how racism has become an ideology as well as how we perceive the other, and how our critical conceptions have been created to see or not the racism. We can recognize that before the Black Panther character, there were other attempts to emulate black heroes, but these ones had a short duration and became like forgotten stories. When it comes to black women in comic books, we can recognize a limited prominence for these characters, such as the Nubian warrior, who had her stories suspended so that only Diana, the eternal Wonder Woman, stood out in the pages of the DC Comics company. Finally, I conclude that even in the face of so many visual productions that arise by inserting black people into their visual composition, we need to keep our eyes open. After all, being present does not mean being inserted in the historical and social context. It may be more of an empty and meaningless representation, but it may be another way of saying that we are resisting and reconstructing stories that have been distorted and wiped out for centuries.

Key Words: Ethnic-racial relations.; Visual culture.; Comic books.

INTRODUÇÃO

No presente artigo proponho uma reflexão sobre os processos de construção dos super-heróis negros e negras e sua inserção no mercado das histórias em quadrinhos. Assim como, suas possíveis contribuições para os estudos das relações étnico-raciais, cultura africana e afro-brasileira a partir da análise de experiências vivenciadas por mim enquanto professora de Artes e das narrativas produzidas pelos personagens denominados super-heróis e super-heroínas.

 **JORNADAS INTERNACIONAIS DE
HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

Utilizo as Diretrizes¹ Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que regulamentam a lei nº 10.639/2003, por meio do princípio de fortalecimento de identidades e de direitos, para propor uma análise sobre como as produções midiáticas precisam ser orientadas para a afirmação da identidade e reconhecimento da historicidade negada ou distorcida da população negra. Diante deste princípio, este artigo reconhece nas histórias em quadrinhos o seu papel midiático para ilustrar tal debate, por constituírem-se um sistema narrativo formado por dois códigos de signos gráficos, ou seja, as imagens obtidas pelo desenho e a linguagem escrita como destaca CAGNIN (1975, p. 16).

Sabe-se que no universo das histórias em quadrinhos, a leitura dos textos e imagens são ordenados sequencialmente, possibilitando ao leitor aliar a imaginação às diferentes formas de linguagens disponíveis nas HQs. Quando inserido no contexto educacional, os quadrinhos podem construir novas formas de aprendizados, como orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Portuguesa (2011, p. 32):

Os conteúdos dos temas transversais, assim como as práticas pedagógicas organizadas em função da sua aprendizagem, podem contextualizar significativamente a aprendizagem da língua, fazendo com que o trabalho dos alunos reverta em produções de interesse do convívio escolar e da comunidade. Há inúmeras situações possíveis: produção e distribuição de livros, jornais ou quadrinhos, veiculando informações sobre os temas estudados; murais, seminários, palestras e panfletos de orientação como parte de campanhas para o uso racional dos recursos naturais e para a prevenção de doenças que afetam a comunidade; folhetos instrucionais sobre primeiros socorros; cartazes com os direitos humanos, da criança, do consumidor, etc.

No Brasil, a partir de 1990 o Ministério da Educação passou a distribuir livros didáticos que diversificassem a linguagem utilizada na construção de textos informativos,

¹ CNE/CP 3/2004, aprovado em 10/3/2004 - Visa atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9.394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/2000, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Desta forma, busca cumprir o estabelecido na Constituição Federal nos seus Art. 5º, I, Art. 210, Art. 206, I, § 1º do Art. 242, Art. 215 e Art. 216, bem como nos Art. 26, 26 A e 79 B da Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos os brasileiros.



JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

21, 22 e 23 de agosto de 2019

Escola de Comunicações e Artes da USP

ou como atividades complementares para os alunos. Em 2006, as histórias em quadrinhos tornaram-se uma opção como títulos adquiridos² pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola. Como identifico nos critérios para seleção dos livros desses acervos, obedecendo o que foi previsto no edital do PNBE/2008, destaco:

Deveriam ser selecionadas, para cada acervo, obras em cada um dos três agrupamentos seguintes:

1. Textos em verso – poemas, quadras, parlendas, cantigas, trava-línguas, adivinhas;
2. Textos em prosa – pequenas histórias, novelas, contos, crônicas, textos de dramaturgia, memórias, biografias;
3. Livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal, artisticamente adaptadas ao público da educação infantil e das séries/anos iniciais do ensino fundamental.

Logo, parto do entendimento de que as histórias em quadrinhos, aliadas ao planejamento do professor, apresentam-se como instrumentos para difusão de políticas educacionais e contribuem para estimular a formação de leitores. Destaco, ainda, que as histórias em quadrinhos “possuem um caráter globalizador, integrando diferentes áreas do conhecimento, possibilitando desenvolver um trabalho interdisciplinar na escola por meio das diferentes habilidades interpretativas (visuais e verbais)”, como afirma Rama e Vergueiro (2005, p.25).

Neste artigo reconhecemos nas histórias dos super-heróis negros existentes no universo das histórias em quadrinhos uma importante ferramenta político-pedagógica para promover discussões ligadas aos conceitos de raça, racismo e antirracismo.

Conhecer e utilizar as histórias dos super-heróis negros pode contribuir como uma importante estratégia para a representatividade da população negra e para combate ao racismo. Para isso, a inserção do letramento racial crítico na formação de professores pode ser uma possibilidade para aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003 e respeito às diversidades das relações étnico-raciais, como orienta Ferreira (2015, p. 36):

Para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades, ou seja, a identidade racial branca e a identidade racial negra para refletir sobre raça, racismo e possíveis formas de letramento racial e fazer um trabalho crítico no contexto escolar, em todas as disciplinas do currículo escolar.

² A implementação dos quadrinhos como opção de acervo na PNBE aconteceu a partir do edital do PNBE/2006.



JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

Conforme o exposto por Ferreira e como parte decisiva das mudanças sociais, os movimentos de resistência negra cresceram, transformando antigas reivindicações em leis que buscam reconhecer o espaço da população negra como sujeito de sua história, fortalecendo a construção da sua identidade e representatividade em seu país. HALL (2006, p. 43) contribui para esse debate ao reforçar que: “A cultura é uma produção[...], portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições.” Sendo assim, o processo de formação cultural é constante e a identificação de suas tradições e origens surgem como elementos fundamentais para construir a identidade de determinada população, e esta prática precisa manter-se viva, especialmente nos ambientes educativos, para concretizar uma educação igualitária para todos, na qual as relações étnico-raciais devem ser vividas e faladas, deixando claro que vozes não podem ser caladas.

A importância da aplicabilidade das principais legislações vigentes no Brasil sobre as relações étnico-raciais é compreendida nesta pesquisa como uma forma de auxiliar na formação docente, estimulando o pensamento, a ação e o comprometimento com responsabilidades do ensino sobre a educação para as relações étnico-raciais, propondo enfrentamento, superação e valorização das contestações raciais historicamente construídas.

ANÁLISES E PERSPECTIVAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DOS SUPER-HERÓIS NEGROS E NEGRAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A partir de uma análise exploratória pela história das empresas *Marvel Comics* e *DC Comics*, identifiquei o total aproximado de 152³ (cento e cinquenta e dois) heróis⁴, somando os personagens de ambas as empresas. Dentro deste quantitativo,

³ O total de 152 heróis foi extraído dos sites das empresas *Marvel Comics* e *Dc Comics*. Disponível em: <<https://www.marvel.com/characters>> e <<https://www.dccomics.com/characters>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2018.

⁴ Os sites consultados não apresentam em seus filtros de pesquisa a opção super-herói. Utilizam apenas as categorias vilão e herói.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

aproximadamente o total de 51⁵(cinquenta e um) super-heróis são negros ou negras, com diversos poderes e perfis, construídos nas diferentes Eras das Histórias em Quadrinhos, são elas:

Era de Platina dos Quadrinhos (1897-1937): Os quadrinhos começam a ser publicados em revistas, deixando as folhas dos jornais de grande circulação. Inicia-se a produção dos quadrinhos policiais e de suspense.

Era de Ouro dos Quadrinhos (1938-55): Aumenta a produção de super-heróis, a *DC Comics* apresenta o Superman para o público. Nesta Era, havia o destaque para a produção dos super-heróis patriotas como o Capitão América, mas com o término da Segunda Guerra Mundial, esse tipo de super-herói não despertava mais interesse do público, abrindo espaço para a produção de outros estilos de HQs, como a ficção científica.

Era de Prata dos Quadrinhos (1956-69): A queda nas vendas de HQs é expressiva, o que força as empresas de quadrinhos a reinventarem seus personagens como Superman e Capitão América, e a criarem novas propostas como o Quarteto Fantástico, da *Marvel Comics*, que viabilizou financeiramente a empresa a enfrentar a crise deste período. Sobre esta época, Howe (2013, p. 10) complementa que:

Uma coisa é certa: em meados de 1961, Lee e Kirby juntaram 25 páginas de história e arte, colocaram um logo qualquer, e milhares de exemplares de *Quarteto Fantástico* nº 1 foram distribuídos até assumir posição nas mesas e gôndolas giratórias das bancas de todo o país.

⁵ O site *World Of Black Heroes* disponibiliza uma relação, em ordem alfabética, de todos os super-heróis negros e negras de diferentes empresas de quadrinhos e TV. Disponível em: <<http://worldofblackheroes.com/black-superheroes/>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2018.

6^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

21, 22 e 23 de agosto de 2019

Escola de Comunicações e Artes da USP

Por fim, para atingir as diretrizes de representatividade de personagens negros, a *Marvel Comics* cria, em julho de 1966, o Pantera Negra, o primeiro super-herói negro das HQs.



Figura 1: Versão final do Pantera Negra publicado em 1966.

Fonte: Guia dos Quadrinhos

Era de Bronze dos Quadrinhos (1970-79): Inicia-se com a introdução de assuntos da atualidade nas histórias em quadrinhos. A produção queria dialogar com as tendências de sua época. Podemos destacar a concorrência direta das histórias em quadrinhos com o cinema e a TV, e um exemplo dessa influência é a criação do super-herói Luke Cage e o gênero cinematográfico denominado de blaxploitation (black: "negro" e exploitation: "exploração") como veremos na descrição deste personagem.

Era Moderna dos Quadrinhos (1980-Hoje): Aumenta a produção de quadrinhos que traziam romances e tramas mais adultas para seus heróis e super-heróis, como *Watchmen*, de Alan Moore. Também se destaca o aumento da produção de quadrinhos alternativos, que se caracteriza com as HQs elaboradas e distribuídas pelos próprios roteiristas e quadrinistas sem a intervenção de empresas especializadas no mercado dos quadrinhos.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

A seguir, apresento alguns dados para entendermos a distribuição dos super-heróis negros e negras nas empresas *Marvel Comics* e *DC Comics*. Porém, informo que na relação de super-heróis negros e negras, considereirei como super-herói os personagens Waku, um príncipe Bantu, que não era oficialmente um super-herói, pois não possuía superpoderes, mas desempenhou um importante papel de herói nas revistas *Jungle Tales*, da *Marvel Comics*, antecedendo a construção do super-herói Pantera Negra, e o personagem Gabe Jones, que foi o primeiro soldado negro do "Comando Selvagem", a unidade especial de elite americana, que atuava na II Guerra Mundial e tornou-se o primeiro agente negro da S.H.I.E.L.D.⁶, e um dos homens de maior confiança de Nick Fury.

Foram construídos os seguintes levantamentos: Tabela com a relação nominal dos super-heróis negros e negras nas empresas *Marvel Comics* e *DC Comics*, constando gênero (masculino ou feminino), ano da primeira publicação, divididos conforme as diferentes Eras dos quadrinhos. Em seguida apresento uma tabela com o total de personagens de ambas empresas e os respectivos quantitativos de super-heróis negros e negras. Posteriormente será exibido um gráfico com a evolução da criação destes super-heróis ao longo das Eras dos quadrinhos, finalizando com o segundo gráfico que contém a distribuição por gênero masculino e feminino ao longo das Eras da HQs.

⁶ Criada por Stan Lee e Jack Kirby em *Strange Tales* #135 (Agosto de 1965), o acrônimo originalmente significava Supreme Headquarters of International Espionage and Law-Enforcement Division (traduzido, em notas de rodapé, como Quartel-general Supremo de Espionagem Internacional e Divisão de Execução da Lei). Em 1991, a sigla mudou para Strategic Homeland Intervention Enforcement Logistics Division e a editora brasileira Abril aproveitou a mudança para utilizar uma versão em português: Superintendência Humana de Intervenção, Espionagem, Logística e Dissuasão. A editora Panini manteve esta versão. É uma superorganização, muito mais forte e importante do que qualquer outra (CIA, NASA, FBI, etc). Com uma megabase invisível e flutuante, liderada por Nick Fury, que cuida dos interesses dos EUA e do mundo. E ainda monitora os heróis (em especial os Vingadores) em suas missões, além de ser considerada a "última defesa do mundo" contra ameaças superiores. A S.H.I.E.L.D. foi a resposta da *Marvel Comics* à onda de espionagem pop desencadeada pela febre de James Bond nos anos 60. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/S.H.I.E.L.D.>>. Acesso em: 25 de março de 2018.

6^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
 QUADRINHOS**
 21, 22 e 23 de agosto de 2019
 Escola de Comunicações e Artes da USP

ERA DAS HQS	Nº	NOME SUPER-HERÓI(INA)	ANO DA 1ª APARIÇÃO	EMPRESA	GÊNERO
Era de Platina dos Quadrinhos (1897-1937)	#	#	#	#	#
Era de Ouro dos Quadrinhos (1938-55)	1	Waku	1954	MARVEL	MASCULINO
Era de Prata dos Quadrinhos (1956-69)	2	Gabe Jones[1]	1963	MARVEL	MASCULINO
	3	Pantera Negra	1966	MARVEL	MASCULINO
	4	Golias Negro(Bill Foster)	1966	MARVEL	MASCULINO
	5	Falcão	1969	MARVEL	MASCULINO
Era de Bronze dos Quadrinhos (1970-79)	6	Marvel Azul (Adam Brashear)	1970	MARVEL	MASCULINO
	7	Lanterna Verde - John Stewart	1971	DC	MASCULINO
	8	Luke Cage	1972	MARVEL	MASCULINO
	9	Blade	1973	MARVEL	MASCULINO
	10	Brother Voodoo	1973	MARVEL	MASCULINO
	11	Núbia	1973	DC	FEMININO
	12	Tilda Johnson – Deadly Nightshade	1973	MARVEL	FEMININO
	13	Spider Woman (Valeri)	1974	MARVEL	FEMININO
14	Misty Knight	1975	MARVEL	FEMININO	



JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
 QUADRINHOS**

21, 22 e 23 de agosto de 2019

Escola de Comunicações e Artes da USP

	15	Ororo Munroe- Tempestade	1975	MARVEL	FEMININO
	16	Abelha (Jovens Titãs)	1976	DC	FEMININO
	17	Condor	1976	MARVEL	MASCULINO
	18	Esfinge (The Sphinx)	1977	MARVEL	MASCULINO
	19	Rocket Racer	1977	MARVEL	MASCULINO
	20	Raio Negro (Black Lightning)	1977	DC	MASCULINO
	21	James Rhodes (Máquina De Comabate)	1979	MARVEL	MASCULINO
Era Moderna dos Quadrinhos (1980-Hoje)	22	Cyborg	1980	DC	MASCULINO
	23	Vixen	1981	DC	FEMININO
	24	Capitã Marvel (Monica Rambeau)	1982	MARVEL	FEMININO
	25	Manto	1982	MARVEL	MASCULINO
	26	Admirável (Will Everett II)	1987	DC	MASCULINO
	27	Vulcão Negro	1988	DC	MASCULINO
	28	Bishop	1991	MARVEL	MASCULINO
	29	Aço	1993	DC	MASCULINO
	30	Bloodwynd (Freddy Widmer)	1993	DC	MASCULINO
	31	Hardware	1993	DC	MASCULINO
	32	Ícone	1993	DC	MASCULINO

6^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**

21, 22 e 23 de agosto de 2019

Escola de Comunicações e Artes da USP

33	Super-Choque	1993[2]	DC	MASCULINO
34	Dra. Cecília Reyes	1997	MARVEL	FEMININO
35	Fatality	1997	DC	FEMININO
36	Larval	1997	MARVEL	MASCULINO
37	Mr. Terrific (Michael Holt)	1997	DC	MASCULINO
38	Ladyhawk	1999	MARVEL	FEMININO
39	Spyke	2000	MARVEL	MASCULINO
40	Dobra - Vingadores	2009	MARVEL	MASCULINO
41	Kalel (Terra 23) Superman	2009	DC	MASCULINO
42	Aqualad (Kaldur´Ahm)	2010	DC	MASCULINO
43	Batwing - David Zavimbe	2011	DC	MASCULINO
44	Mile Morales - Homem Aranha	2011	MARVEL	MASCULINO
45	Wally West (Flash - Novos 52)	2011	DC	MASCULINO
46	Nick Fury Jr	2012	MARVEL	MASCULINO
47	Batwing - Luke Fox	2013	DC	MASCULINO
48	Christopher Muse - Triage (X-Men)	2013	MARVEL	MASCULINO
49	Duke Thomas, O Líder De We Are Robin, E O Novo Parceiro	2013	DC	MASCULINO

6^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
 QUADRINHOS**
 21, 22 e 23 de agosto de 2019
 Escola de Comunicações e Artes da USP

		Do Batman (O Novo Codinome É Um Mistério Ainda).			
	50	Ironheart - Riri Willians	2016	MARVEL	FEMININO
	51	Moon Girl - Lunella Lafayette	2016	MARVEL	FEMININO

Tabela 1: Super-heróis negros e negras das empresas *Marvel Comics* e *Dc Comics*. *Levantamento*

Empresa	Total de personagens	Categoria		Gêneros	
		Super-Heróis	Super-Heróis negros(as)	Super-Heróis negros (Masculino)	Super-heroínas negras (Feminino)
Marvel Comics	2.538	96	30	21	9
DC Comics	153	56	21	17	4

construindo em Agosto/2018.

Tabela 2: Total de personagens das empresas *Marvel Comics* e *DC Comics* e os respectivos quantitativos de super-heróis negros e negras.

6^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
 QUADRINHOS**
 21, 22 e 23 de agosto de 2019
 Escola de Comunicações e Artes da USP

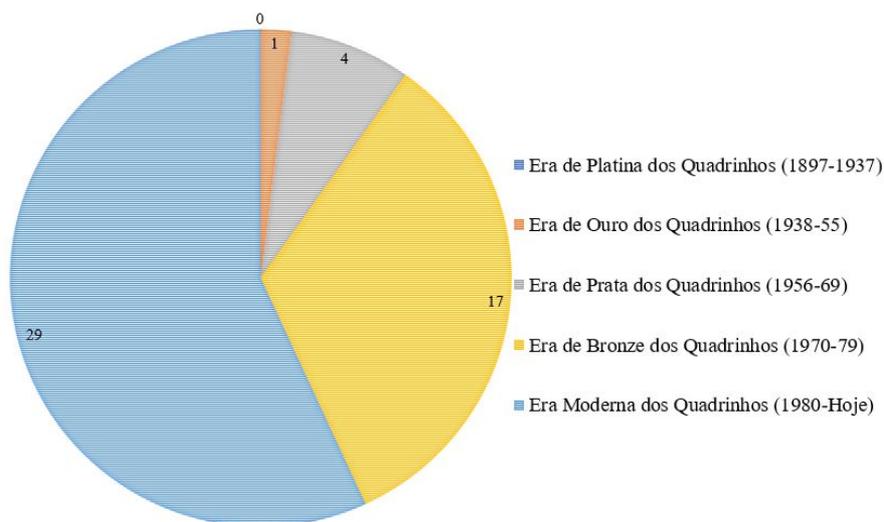


Gráfico 1: Levantamento do quantitativo de produção dos super-heróis negros e negras por eras dos quadrinhos

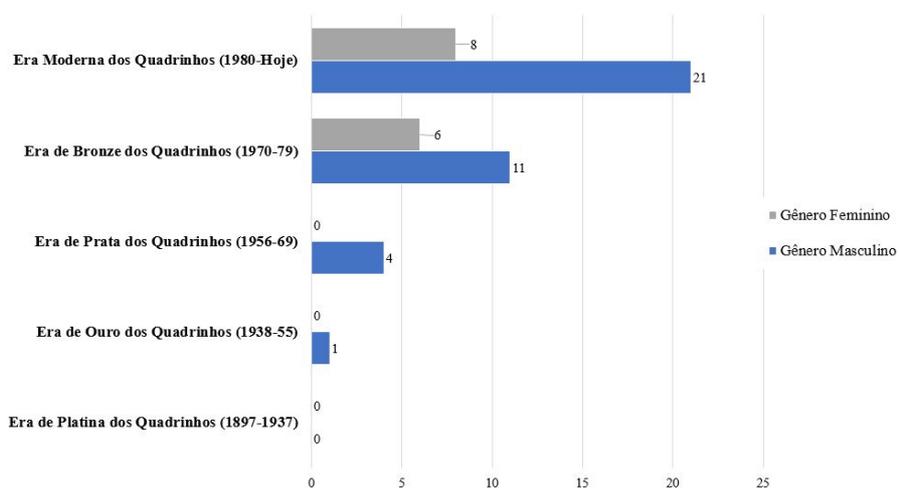


Gráfico 2: Distribuição por gênero masculino e feminino ao longo das Eras das HQs

Após análise inicial dos dados, evidenciou-se o baixo quantitativo de super-heróis negros e negras em ambas as empresas *Marvel Comics* e *DC Comics*, porém, reconheço que houve um discreto aumento na construção de personagens negros após o término da

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

Segunda Guerra Mundial, quando iniciou a Era de Prata das Histórias em Quadrinhos e as empresas precisavam reinventar antigos personagens e produzir novos. Assim, a pessoa negra foi alocada no papel de super-heróis, ocupando um novo espaço para sua forma de representação nos quadrinhos. Oliveira (2007, p. 208) salienta que a diferenciação entre os gêneros nos quadrinhos é um ponto importante para discussão, reconhecendo que “é uma construção histórica, e como tal, faz-se incessantemente por meio de representações e discursos sobre as relações entre homens e mulheres, que estão em constante mudança”. Diante de tal afirmativa, a análise dos dados nos apresentou uma diferença quantitativa nas representações entre homens negros (super-heróis) e mulheres negras (super-heroínas) atuando neste papel de destaque, sinalizando a diferença na construção do gênero e na distribuição de papéis.

Diante do exposto, identifico na leitura das imagens exibidas pelos super-heróis negros e negras uma oportunidade para compreender que as narrativas que envolvem os processos de representação visual da pessoa negra nos quadrinhos, possibilita reconhecer significados e sentidos que proporcionam uma compreensão e interpretação ampla da vida cotidiana.

Nesse sentido os estudos da cultura visual ampliam a percepção para identificar nas imagens além da história da arte com suas formas e estilos, mas reconhecer o sujeito como objeto de interpretação, possuidor de influências que implicam na produção de suas obras. Assim, Crimp (1998, p. 85) norteia que:

[...] movimento é que este sujeito – fosse o sujeito espectador, a audiência popular, o fã, o sujeito construído na representação, realmente o outro – não pode ser teorizado de uma posição exterior a essa genealogia. O sujeito do discurso não pode estar isento das questões de historicidade, do ego e do outro, que são levantadas pela própria teoria da subjetividade. Isso não quer dizer que eu esteja simplesmente inserido, que automaticamente identifique ou internalize, mas que também devo localizar-me a mim mesmo, meus interesses, investimentos, suscetibilidades, identificações, desidentificações; meus prazeres, meus medos e meus desgostos – pois a crítica genealógica deve realmente envolver a paralaxe que Foster exige, interrogando o sujeito ao mesmo tempo em que interroga o objeto.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

A construção imagética da representação dos super-heróis negros e negras possibilita inúmeras formas de interpretações e análises, como ressalta Hall (2016, p. 146): “[a] forma como é interpretada é uma preocupação constante e recorrente na representação de pessoas racial e etnicamente diferentes da maioria da população”.

A conversação cultural abordada nesta pesquisa aponta que, para entender uma história, precisamos dialogar com as imagens/artefatos visuais desenvolvendo uma postura crítica, realizando uma investigação das versões argumentativas produzidas pelo nosso conhecimento. Hernández (2007, p. 94) enfatiza que uma análise crítica diante da imagem “não se constrói a partir da certeza de quem sabe, mas a partir da inquietude de quem tem e reconhece seu desejo de saber e de ser conhecer”. Essa leitura, além de ampliar como enxergamos os “textos” produzidos pelas imagens, também pode tornar-se base para construção de relatos. Com isso, a aprendizagem torna-se uma experiência colaborativa e investigativa para que possamos produzir e analisar diferentes narrativas.

Dentre tantos super-heróis negros e negras podemos dialogar sobre diversos temas pertinentes a educação das relações étnico-raciais como o apagamento estratégico de personagens negros(as) conforme necessidade de diferentes fatores sociais, políticos, culturais, econômicos entre outros. Podemos observar que a personagem Ororo Munroe, a Tempestade dos X-Men, não é a primeira super-heroína negra nos quadrinhos. Permite-me destacar a criação da personagem Núbia em 1973, que era a irmã negra da Mulher-Maravilha, que ao nascer foi raptada pelo deus grego Ares, o deus da Guerra, e ao crescer vivenciou inúmeras batalhas contra Diana, a Mulher-Maravilha. A história de Núbia não emplacou na empresa *DC Comics*, que retirou a personagem de circulação, deixando o espaço nos quadrinhos da DC unicamente para a Mulher Maravilha da Liga da Justiça.

6^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP



Figura 2: Wonder Woman (vol. 1) #204, (January 1973)
Fonte: Blogger Prosa Livre

Esse apagamento da Núbia diante da personagem Mulher-Maravilha apresenta-se constantemente como a invisibilização dos personagens negros no universo dos quadrinhos, reafirmando a presença de práticas racistas nas diversas formas de representações midiáticas, como conclui Borges (2012, p. 194):

É nessa fronteira de sentidos que se forma desde o início um dos dizeres comuns do imaginário de construção do que é ser mulher negra. Dizeres esses que são reatualizados em peças publicitárias, propagandas, telenovelas e outros produtos que circulam nos limites das mídias contemporâneas.

6^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

O personagem Super-Choque⁷ contribuiu nesta pesquisa para pensarmos sobre a representação da juventude negra e o seu papel diante a mídia. Sua representação nos desafia a pensarmos como o jovem negro pode se tornar protagonista em representações que evitem estereótipos comumente destinados à população negra. As histórias do Super-Choque acontecem em ambientes rodeados por jovens na escola, shopping, cinema, entre outros espaços comuns à juventude. Portanto, é possível construir um tipo de representação autêntica de um jovem negro a partir da compreensão e respeito à cultura afrodescendente, possibilita, também, construir novas formas de transcodificação para desconstruir antigas marcações estereotipadas e racistas.

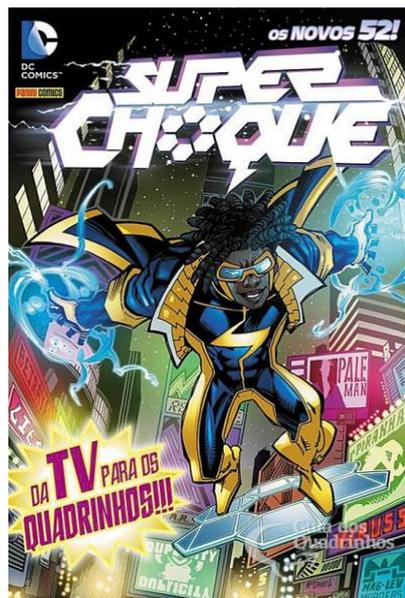


Figura 3: Static Shock , nº 1 – Ano : 2011 Fonte: DC Comics

⁷ Em determinado momento da história, a empresa *DC Comics* também precisou reinventar seus personagens. Ela abriu suas portas para que editoras alternativas utilizassem sua gráfica na produção de novos quadrinhos, em contrapartida essas revistas receberiam o selo da *DC Comics*. Foi através dessa oportunidade que a produtora *Milestone Media*⁷ apresentou à *DC Comics* seus personagens, majoritariamente compostos por personagens negros e negras, dentre eles, o adolescente Virgil Ovid Hawkins, conhecido como Static Shock. Um fator que chamou a atenção da *DC Comics* para a *Milestone Media* é que a maioria de seus super-heróis eram negros, assim como seus produtores, desenhistas e roteiristas. Como destaca o Portal Legião dos Heróis, especializado em histórias em quadrinhos e seus bastidores: “A Milestone Milestone Media foi uma editora criada por escritores e artistas negros com o objetivo de fortalecer a luta pela igualdade, acreditando que as minorias estavam muito mal representadas nos quadrinhos.” No Brasil, Virgil ficou famoso pela série de desenhos animados reproduzidos na TV, ficando conhecido em terras brasileiras como Super-Choque.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

Por outro lado, generalizar as juventudes também contribui para preservar o silenciamento que os jovens negros ainda vivenciam. Hall (2003, p. 321) nos instiga a questionarmos sobre quais referências culturais são as privilegiadas: “Já as estratégias culturais capazes de fazer diferença são o que me interessa – aquelas capazes de efetuar diferenças e de deslocar as disposições do poder”. Assim, para pensar a juventude, precisamos analisar a sua relação com seus meios produtores de culturas, investigando na diversidade de conjecturas culturais diferentes formas de olhar e pensar o jovem. A cultura juvenil possibilita pensar o sujeito como atuante de sua história, embora as muitas definições de juventudes se limitem a conceitos embasados a partir de valores construídos em diferentes épocas e locais. Para elucidar essa exposição, Pais (1990, p. 163) orienta que:

Por cultura juvenil, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente dominantes atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderiram jovens de diferentes meios e condições sociais.

Repensar a construção social dos termos juventude, escola e estudos culturais, possibilitará produzir e reconhecer novos conteúdos e conhecimentos, e produzir reflexões sobre quem são os atores e criadores da cultura popular. Por outro lado, o silenciamento das práticas culturais da população negra abraça não apenas o apagamento da sua identidade, mas a desconstrução da história de um país como o Brasil. Dessa maneira, Groppo (2017, p. 13) sinaliza que:

A concepção de juventude como direito não deixou de ser um passo em direção a uma noção mais abrangente de cidadão: não apenas um portador de direitos, mas ator, agente, sujeito presente na vida pública e nas decisões políticas.

Tornar a juventude negra como tema de pesquisas nas práticas didáticas e pedagógicas, possibilitará à escola e à sociedade reconhecer aquela juventude como

6^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

sujeitos e construtores de conhecimentos e não apenas como problemas geracionais. O planejamento do futuro educacional a partir do reconhecimento de uma diversidade juvenil representa uma possibilidade de reconstrução das práticas culturais e educacionais existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos identificar até o momento, as empresas *Marvel Comics* e *DC Comics* movimentaram-se ao longo de sua história para construir novos personagens, por diversos motivos, tais como fugir de uma crise financeira ou “atender” a novas reivindicações sociais como o direito das mulheres e a luta contra o racismo. Ao analisar o aumento das representações de super-heróis negros e negras nos quadrinhos, podemos sinalizar que o campo da representação não é estático como afirma Hall, (2016, p. 180), pois surgem novas formas de interferir em velhas formas de representação. Para tanto, os usos de estereótipos podem ser substituídos por histórias contextualizadas, de forma que façam sentido e respeitem a história da população negra.

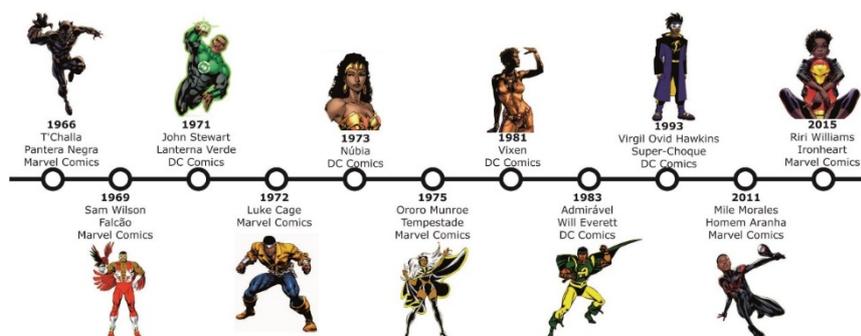


Figura 4: Linha do tempo com alguns super-heróis negros e super-heroínas negras das empresas Marvel Comics e DC Comics
Fonte: a autora (2018)

Cada super-herói negro ou super-heroína negra foi fruto de sua época e teve uma importância para a mudança de atitude na representação dos personagens negros no universo dos quadrinhos, mas a representação racializada é um processo que demorou para ser ajustado e ainda precisa de muitas transcódificações positivas para efetivar as práticas antirracistas. As fixações das diferenças nos discursos produzidos pela mídia

 **JORNADAS INTERNACIONAIS DE
HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

ainda são frequentes, afinal, é por meio da fixação repetitiva da diferença que os estereótipos sobrevivem.

Esta pesquisa pretende possibilitar a criação de novos estudos que reconheçam nas histórias em quadrinhos um espaço de pesquisa que vai além do caráter exclusivamente lúdico, muitas vezes atribuído a este tipo de literatura. O incentivo ao diálogo entre as relações étnico-raciais, práticas educativas e produções visuais também são temas que possibilitam inúmeros desdobramentos de pesquisa, como estudos da cultura visual para a educação das relações étnico-raciais, buscando a construção de novas narrativas que resistam às variadas tentativas de apagamento vivenciados pela população negra, tornando-os protagonistas de sua história.

REFERÊNCIAS

BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representações do outro: Ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: BORGES, Roberto Carlos da; BORGES, Rosane (orgs.). Mídia e racismo - Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012. 248p. (Negras e Negros: Pesquisa e Debates).

BRASIL. Constituição Da República Federativa Do Brasil De 1988, Presidência da República, 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 20 de maio de 2017.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília. MEC/SEPPPIR, 2004. Disponível em: < <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf> >. Acesso em: 20 de maio de 2017.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília. MEC/SEPPPIR, 2004. Disponível em: < <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf> >. Acesso em: 20 de maio de 2017.

_____. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm > Acesso em: 20 de maio de 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

 **JORNADAS INTERNACIONAIS DE
HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
21, 22 e 23 de agosto de 2019
Escola de Comunicações e Artes da USP

CAGNIN, A. L. Os quadrinhos. São Paulo, Ática, 1975.

CRIMP, Douglas. Estudos culturais, cultura visual. Tradução de Beatriz Sidou.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008, 103 a 126. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/frantz-fanon-pele-negra-mascaras-brancas-download/> > . Acesso em: 25 de julho de 2017.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. Revista da ABPN. V.6, n.14, jul-out. 2014, p. 236-263.

_____. Letramento Racial Crítico Através de Narrativas autobiográficas: Com atividades reflexivas. Ponta Grossa, Pr: Editora Estúdio Texto, 2015.

GROPPO, Luiz A. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. Revista Diversidades nº 14, ano 5, mar 2017. Disponível em:< <http://desidades.ufrj.br/wp-content/uploads/Desidades14PT-1.pdf> >. Acesso em: 09 de abril de 2018.

HALL, Stuart. A identidade cultural da Pós-modernidade. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP &A, 2003.

_____. A relevância de Gramsci para o Estudo de Raça e Etnicidade. In: HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p: 276 a 317.

_____. Cultura e representação. Editora PUC RIO, 2016.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual - proposta para uma nova narrativa educacional. Editora Mediação, 2007.

_____. A cultura visual como um convite à descolonização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. Tradução Danilo de Assis Climaco. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). Educação da cultura visual. Conceito e contextos. Editora UFSM, 2011.

HOWE, Sean. Marvel Comics – A história secreta. Editora Leya, 2013.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. Mulher ao quadrado. Editora Finatec, UNB, 2007.

RAMA, Angela (org.), VERGUEIRO, Waldomiro (org.), RAMOS, Paulo, VILELA, Túlio e BARBOSA, Alexandre. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. Editora Contexto, São Paulo, 2004.

SILVA, Fernanda Pereira. Super-heróis negros e Negras. Referências para a educação das relações étnico-raciais e ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2018.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1. º, 2. º), pp. 139-165. Disponível em: <<http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/Jos%C3%A9%20Machado%20Pais%20-%20Publica%C3%A7%C3%B5es%201990,%20n%C2%BA2.pdf>>. Acesso em: 09 de abril de 2018.